

17

NÚMERO 2

REVISTA  
DIÁLOGO E  
INTERAÇÃO

ISSN 1275-3687



FACCREI

<https://revista.faccrei.edu.br>



<https://www.faccrei.edu.br/revista>

## LITERATURA COMPARADA E INTERDISCIPLINARIDADE: UM DIÁLOGO INEVITÁVEL

### COMPARATIVE LITERATURE AND INTERDISCIPLINARITY: AN INEVITABLE DIALOGUE

15

Ana Paula Almeida Mendes\*

Altamir Botoso\*\*

**ABSTRACT:** O presente artigo propõe uma breve discussão dos debates provocados pela aproximação da Literatura Comparada como parte relevante nos trabalhos de análise de textos literários. A ideia é, a partir de um singelo panorama histórico, traçar o percurso da disciplina, desde a sua criação – no início do século XX – até os dias atuais, quando ela se conecta aos Estudos Culturais e assume um traço interdisciplinar praticamente irreversível. A expectativa é que ao identificar e compreender sua origem e seu percurso, seja possível entender seu papel atual, como disciplina fundamental nos estudos literários. Há, contudo, a ciência da impossibilidade de esgotar um assunto tão vasto em poucas páginas. De igual modo, compreende-se que para a tal discussão, supostamente, não será encontrada uma solução única; o propósito é contribuir para se chegar a um ponto de equilíbrio entre pensamentos distintos. Este trabalho terá como base textos consagrados que já abordaram o tema. Entre os teóricos que embasam o artigo estão Souza (2014, 2021), Nitrini (2021), Carvalhal (1994, 2006), Santiago (2000), Perrone-Moisés (1973, 1990). Além desses, também foram consultados textos de Ivani Fazenda (1998, 2008), cuja temática aborda, em grande parte, a interdisciplinaridade, de maneira que a compreensão do termo e de seu uso acadêmico se tornasse menos complexa. Assim posto e a partir da ideia de uma integração entre a Literatura Comparada e a Interdisciplinaridade, procuraremos mostrar que tal união apresenta benefícios e enriquece o debate literário contemporâneo, dando-lhe constantemente um fôlego novo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Comparada. Interdisciplinaridade. Fontes e influências. Estudos culturais.

**ABSTRACT:** This article proposes a brief discussion about the debates caused by the approach of Comparative Literature as a relevant part in the analyses of literary texts.

---

\* Mestranda no programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

\*\* Doutor em Letras na área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Unesp, campus de Assis-SP. Docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

The idea is, from a simple historical overview, to trace the course of the discipline, from its creation – at the beginning of the 20th century – to the present day, when it connects to Cultural Studies and takes on a practically irreversible interdisciplinary characteristic. The expectation is that by identifying and understanding its origin and trajectory, it will be possible to understand its current role, as a fundamental discipline in literary studies. However, there is an awareness that it is not possible to cover such a vast subject in just a few pages. Likewise, it is understood that for this discussion, supposedly, a single solution will not be found; the purpose is to contribute to achieve a point of balance between different thoughts. This work will be based on well-known texts that have already addressed about the topic. Among the theorists who support the article are Souza (2014, 2021), Nitrini (2021), Carvalhal (1994, 2006), Santiago (2000), Perrone-Moisés (1973, 1990). Beside these critics, texts by Ivani Fazenda (1998, 2008) were also consulted, whose themes largely address interdisciplinarity, so the understanding about the topic and its academic use would become less complex. As a result, based on the idea of an integration between Comparative Literature and Interdisciplinarity, we will try to show that this a union presents benefits and improve the contemporary literary debate, constantly giving it a new breath.

**KEYWORDS:** Comparative Literature. Interdisciplinarity. Sources and influences. Cultural studies.

**RESUMEN:** Este artículo propone una breve discusión de los debates suscitados por el abordaje de la Literatura Comparada como parte relevante en el trabajo de análisis de textos literarios. La idea es, a partir de un simple recorrido histórico, rastrear el rumbo de la disciplina, desde su creación –a principios del siglo XX– hasta nuestros días, cuando se conecta con los Estudios Culturales y adquiere un carácter interdisciplinario prácticamente irreversible. La expectativa es que al identificar y comprender su origen y trayectoria, sea posible comprender su papel actual, como disciplina fundamental en los estudios literarios. Sin embargo, existe la conciencia de que es imposible abarcar un tema tan amplio en unas pocas páginas. Asimismo, se entiende que para esta discusión, supuestamente, no se encontrará una única solución; El objetivo es ayudar a llegar a un punto de equilibrio entre diferentes pensamientos. Entre los teóricos que sustentan el artículo se encuentran Souza (2014, 2021), Nitrini (2021), Carvalhal (1994, 2006), Santiago (2000), Perrone-Moisés (1973, 1990). Además de estos, también se consultaron textos de Ivani Fazenda (1998, 2008), cuyas temáticas abordan en gran medida la interdisciplinariedad, de modo que la comprensión del término y su uso académico se tornó menos compleja. Así, a partir de la idea de una integración entre la Literatura Comparada e la Interdisciplinariedad, buscaremos mostrar que dicha unión presenta beneficios y enriquece el debate literario contemporáneo, dándole constantemente un nuevo aliento.

**PALABRAS CLAVE:** Literatura Comparada. Interdisciplinariedad. Fuentes e influencias. Estudios culturales.

## 1. Introdução

O objetivo do texto que segue é retratar, brevemente, o intenso percurso da disciplina Literatura Comparada, desde o início do século XX, na França, até recentemente, quando a interdisciplinaridade entra em cena e ajuda a moldar novas maneiras, inclusive anteriormente impensadas, de se dialogar com o texto literário.

A proposta é tentar responder alguns questionamentos que insistem em nos perseguir a respeito desse movimento da disciplina, tendo, é claro, a consciência de que o assunto não será esgotado. Os debates que envolvem a Literatura Comparada e seus desdobramentos estão longe de terminar. Nos atrevemos a dizer que não cessarão. Entretanto, retomar o assunto, revisitar os textos e manter a discussão em pauta é enriquecedor e, também, necessário. Em um mundo no qual as fronteiras culturais estão mais fáceis de transpor, porém mais suscetíveis a mudanças, a Literatura Comparada surge como apoio para a compreensão da complexa expressão humana, na contemporaneidade.

Logo, recorrer constantemente aos estudiosos que previamente pensaram o lugar e a atuação da disciplina pode nos dar uma base para compreender sua singularidade e, ambiciosamente, tentar observar seus possíveis movimentos futuros. Tanto os percursos iniciais, quanto os rastros deixados pela Literatura Comparada e, ainda, a questão da interdisciplinaridade serão discutidos baseados em textos de Tania Franco Carvalhal (1994, 2006), Sandra Nitrini (2021), Eneida Maria de Souza (2014, 2021), e outros críticos que, de maneira muito competente, já discorreram sobre o tema.

A partir de uma abordagem geográfica e temporal, como ponto de partida para nosso diálogo com a trajetória da Literatura Comparada, abordaremos algumas mudanças ocorridas e alguns questionamentos levantados. Desde o embrião, na França, que surge com um viés definidor de nacionalidades, criando débitos e hierarquias entre nações; até o contexto atual, que na contemporaneidade busca dar voz às minorias e defende igualdades de direitos e deveres. Desse modo, as questões que nortearão o presente artigo podem ser assim formuladas: o que esse diálogo entre os textos literários e outras disciplinas trouxe para os estudos da Literatura? Novos

interesses? Fronteiras mais convidativas? O que muda com esse novo ir e vir mais fluido? A Literatura corre perigo? Será pulverizada?

## 2. Um breve histórico da literatura comparada

Comparar é uma ação comum ao ser humano. Todos os dias, em diversos momentos, fazemos comparações. Quando escolhemos o que vestir, o que comer, aonde ir, como ir etc., estamos fazendo comparações. Entretanto, elas ocorrem de maneira automatizada, de forma que, por vezes, não as percebemos. Quando estabelecemos algo como melhor ou pior, por exemplo, são as comparações que norteiam tal decisão. O ato de comparar pode ser assim entendido como excludente. Entretanto, há um modo de comparar cuja ação se dá pelo diálogo, no qual o que se busca são pontos de convergências ou divergências, mas sem a exclusão de uma das partes comparadas como uma finalidade. Tanto uma como a outra, isto é, tanto a comparação que visa a eliminação quanto a que busca o contato, são práticas comuns aos seres humanos e têm suas finalidades que tanto podem ser de caráter pessoal como científico.

Nesse sentido, o ato comparatista aplicado às ciências surge como essencial na elaboração de hipóteses e teorias. Seja por eliminação ou por comunicação, a prática se agrega ao desenvolvimento científico e se fortalece no universo das pesquisas. Essa aplicabilidade nas ciências ganha espaço e força com o passar do tempo. Por sua vasta utilização, certamente tornou-se amplamente difundida através de obras acadêmicas publicadas em diversos momentos, e inevitavelmente “se transfere para os estudos literários por uma espécie de contágio” (CARVALHAL, 2006, p. 8).

Esse contágio que chegou ao campo da literatura foi uma consequência natural desses estudos científicos. Contudo, historicamente, comparações entre o material literário já vinham sendo feitas desde o século XVI, na Idade Média<sup>1</sup>. Dessa maneira,

---

<sup>1</sup> De acordo com Tânia F. Carvalhal, em seu livro *Literatura Comparada* (Série Princípios), já em 1598, Francis Meres utilizou o termo no título de sua obra denominada *Discurso comparado de nossos poetas ingleses com os poetas gregos, latinos e italianos*.

“[d]esde que duas literaturas existiram conjuntamente, compararam-nas para apreciar seus méritos respectivos” (BRUNEL et al., 1990, p. 2). Reforçando tal assertiva, Sandra Nitrini afirma que “bastou existirem duas literaturas para se começar a compará-las” (2021, p.19). Podemos, então, afirmar que antes mesmo da literatura comparada receber *status* de disciplina, ela já se fazia existir.

A propagação do nome “Literatura Comparada” e as discussões que foram geradas a partir dos estudos sobre o tema se deram em toda a Europa. Mesmo após o seu batismo, a Literatura Comparada “conheceu durante alguns decênios uma adolescência colorida de diletantismo e isenta de uma real tomada de consciência” (BRUNEL et al, 1990, p. 2). Além das questões que permearam uma possível definição para o próprio nome da disciplina, houve, ainda, um outro embate entre teóricos. De um lado, os que compreendiam o termo como sinônimo de “literatura geral” ou “literatura mundial”. E, do outro, os que faziam diferença entre elas. Esses entendem a “literatura geral” – ou *Weltliteratur*<sup>2</sup> - como um sistema mais amplo, que abarcava a “literatura comparada” dentro de seus domínios.

Os estudos comparados, todavia, não se mantiveram somente em território francês, uma vez que, em países como Alemanha, Inglaterra, Itália e Portugal, acadêmicos produziram diversos estudos sobre o tema. Entretanto, foi na França que os estudos sobre a Literatura Comparada foram mais intensos, num primeiro momento. E foi também nesse país, que ela primeiramente passou a ser considerada uma disciplina acadêmica.

No Brasil, a Literatura Comparada já fazia parte do currículo do curso de Letras em algumas instituições de ensino superior desde a década de 1950. Antonio Candido, importante crítico literário cujas obras são fundamentais nos estudos de literatura até os dias atuais, declarou, na primeira metade do século XX, que estudar a literatura brasileira era, inevitavelmente, estudar Literatura Comparada. Isso porque, para esse estudioso, os estudos brasileiros sempre foram fortemente relacionados com obras estrangeiras. Essa relação, de certa maneira, se explica por sermos um

---

<sup>2</sup> Termo criado por Goethe, em 1827. De maneira bastante simplificada, podemos dizer que o conceito de *Weltliteratur* remete a uma literatura que vai além das fronteiras nacionais, estabelecendo um diálogo com o outro, com o objetivo de fazer trocas culturais.

país que foi colônia por muito tempo, que teve sua cultura original apagada e importou, compulsoriamente, a literatura do outro, do colonizador, para sua própria cultura. Sendo essa uma relação de domínio, era esperado que as manifestações culturais buscassem preservar e valorizar o que vinha “da metrópole” e se esforçassem em torná-lo natural dentro do contexto da nação dominada.

Além disso, os anos da década de 1980 foram fundamentais na trajetória da disciplina no universo acadêmico brasileiro. Em 1986 ocorreu a criação da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic)<sup>3</sup>, cujo primeiro congresso aconteceu dois anos depois na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A associação se mantém atuante até os dias de hoje com trabalhos e publicações acadêmicas relevantes. E, ainda, com a realização de congressos regulares em diferentes cidades do Brasil, nos quais estudiosos e interessados têm a oportunidade de se encontrar e discutir temas relevantes dos estudos comparados. A criação da associação, eventos na Universidade Federal de Minas Gerais, a publicação de vários artigos e estudos voltados ao comparatismo e o lançamento do livro *Literatura Comparada*, de Tânia Franco Carvalhal, em 1986, também podem ser considerados pontos marcantes nesse percurso da disciplina em território brasileiro.

De volta à Europa, sendo o berço da Literatura Comparada como disciplina, os estudos franceses foram também os pioneiros em pensar no possível objeto de estudo dessa nova matéria. A problemática, portanto, era delimitar o que seria de fato estudado pela literatura comparada. O que comparar? Inicialmente, a ideia dos comparatistas franceses era trabalhar com obras literárias de países distintos. Seria esse o trabalho comparado baseado em um modelo binário, que buscava identificar relações entre as literaturas e, irremediavelmente, colocava cada uma delas em uma espécie de balança, na qual tinham seus “valores” estimados na elaboração de suas análises. Assim,

[...] imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, alguns franceses, animados por um forte espírito de irenismo [atitude conciliadora e

---

<sup>3</sup> A Abralic foi criada em 1986, durante o I Seminário Latino-americano de Literatura Comparada, realizado de 8 a 10 de setembro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fonte: <https://www.abralic.org.br/institucional/historia/>.

pacificadora] e de cosmopolitismo, consideraram que a literatura comparada era uma das disciplinas mais apropriadas para a abertura das fronteiras (BRUNEL *et al.*, 1990, p. 10).

Diante disso, e partindo de um ponto de vista que pode ser considerado elitista, os comparatistas franceses, aparentemente, buscavam em uma literatura a presença de outra, a original, a primeira. Essa forma de aplicar os estudos comparados fez sentido à época, se compreendermos “[...] que o termo “literatura comparada” surgiu justamente no período de formação das nações, quando novas fronteiras estavam sendo erigidas e a ampla questão da cultura e identidade nacional estava sendo discutida em toda a Europa” (NITRINI, 2021, p. 21).

As novas trocas culturais, patrocinadas por viagens de pesquisadores, pensadores e intelectuais para outros países, proporcionaram a matéria prima a ser comparada, de maneira que características divergentes e semelhantes pudessem ser identificadas e analisadas, moldando-se, assim, identidades e, “[a]o mesmo tempo que se modelavam os traços ainda vagos de cada literatura nacional, esforçavam-se por definir parentescos e influências” (BRUNEL *et al.*, 1990, p. 10)

Num contexto no qual havia o domínio de algumas nações sobre as outras, de colonização e descolonização, as identidades forjadas a partir dessas comparações resultaram em uma inevitável hierarquização, pautada nas fontes e nas influências de uma literatura para com a outra. “Em 1939, a literatura comparada podia honrar-se de um balanço amplamente vantajoso: história dos intercâmbios literários internacionais e, pesquisa das fontes e das influências, individuais ou gerais” (BRUNEL *et al.*, 1990, p. 11). Este era um cenário que proporcionava comparações supostamente iguais, porém, na prática o que se percebia era o lado político de relacionamentos baseados no domínio e, algumas vezes, na violência. Segundo Philarète Chasles (*apud* NITRINI, 2021, p. 20), essa forma de tratar a comparação literária identificava, portanto, “o que cada um deles deu e o que cada um deles recebeu [...] todos submetendo-se a influências que receberam como presente e todos, por sua vez, emitindo novas imprevistas influências para o futuro!”

Tal maneira de elaborar os estudos comparados, tendo como parâmetros as fontes nas quais o autor bebia e as influências que a sua escrita trazia implícita, foi

amplamente usada nos trabalhos comparatistas. A ideia era identificar, na obra de um autor, suas possíveis leituras e a proximidade que seus textos tinham com características de obras de outros autores. As fontes e as influências teriam como ponto de partida textos literários já conhecidos e consagrados, e a nova produção, ao se aproximar deles, recebia uma espécie de selo de qualidade, mesmo que essa não fosse a intenção inicial. Seria o trabalho de destacar algo que se encontra na obra em um determinado escritor, cuja presença só se explica por um provável contato com a produção de um antecessor. Essa similaridade com o original seria, então, a matéria-prima necessária para o trabalho comparatista daquele momento.

Contudo, a problemática que se seguiu, foi um provável aparecimento de débitos. As novas produções passaram a ter uma dívida com o texto que foi fonte de inspiração e, até mesmo, imitação. Essa dívida que se inaugurou com a comparação baseada nas fontes e nas influências produziu um desconforto porque criou uma hierarquização. Levando em conta que o trabalho dos comparatistas franceses ocorria entre literaturas de países diferentes e que o contexto global era, no início do século passado, de domínio de umas nações sobre outras, criar hierarquias era inflamar conflitos há tanto estabelecidos. De certa maneira, essa problemática justifica o afastamento de parte dos críticos do modelo francês. Não somente ela, mas ela sobretudo, surge como ponto de divergência entre os dois principais polos dos estudos comparados no ocidente.

A respeito da crítica pautada em fontes e influências, vale ressaltar que ela “[...] encara a obra como um resultado, um produto que será explicado se a crítica for capaz de remontar às origens” (PERRONE-MOISÉS, 1973, p. 71). Tal estudo poderia até ser interessante, se o comparatista assumisse uma outra postura diante da localização das fontes:

O conhecimento das fontes poderia ter um interesse específico: possuir o “modelo” para poder estudar as transformações nele introduzidas pelo escritor. Não é, entretanto, o que faz a crítica das fontes, que se contenta com levantar os traços comuns entre a obra e o modelo, assegurando assim uma visão historicista de fenômeno literário e dando prova de erudição. [...] (PERRONE-MOISÉS, 1973, p. 78-79).

Dessa forma, ainda seguindo o pensamento da estudiosa referida acima, a crítica das fontes não se constitui em uma atividade crítica propriamente dita, já que se configura como um levantamento de material que serviria a finalidades diversas: como uma obra é feita ou como alguns “temas, imagens ou processos evoluem de uma obra a outra, no tempo e no espaço” (PERRONE-MOISÉS, 1973, p. 83). Ao invés de buscar a diferença, aquilo que é específico de uma obra, esse tipo de crítica se detém nas semelhanças, realizando um esforço de erudição, “sem conduzir o estudo dessas semelhanças nem a uma poética nem a uma crítica” (PERRONE-MOISÉS, 1973, p. 83). Em síntese, a função da crítica de fontes “[...] é somente dizer de onde vem um pormenor e não, o que teria um verdadeiro interesse, como esse pormenor se integra no sistema da obra nova” (PERRONE-MOISÉS, 1973, p. 85).

Em consonância com o que postula Perrone Moisés, Silviano Santiago (2000, p. 17), no artigo “O entre-lugar do discurso latino-americano”, referindo-se às produções literárias da América Latina, pondera que o trabalho crítico fundamentado em fontes e influências deixa evidenciado que uma obra se torna devedora de outra, aquela que é a fonte, considerada como “original” e tal estudo reduziria

a criação dos artistas latino-americanos à condição de obra parasita, uma obra que se nutre de uma outra sem nunca lhe acrescentar algo de próprio; uma obra cuja vida é limitada e precária, aprisionada que se encontra pelo brilho e pelo prestígio da fonte, do chefe de escola (SANTIAGO, 2000, p. 18).

O método tradicional baseado em fontes e influências estabelece que as obras produzidas a partir de outros modelos (geralmente os europeus) são sempre devedoras junto a esses modelos, tendo em vista que

A *fonte* torna-se a estrela inatingível e pura que, sem se deixar contaminar, contamina, brilha para os artistas dos países da América Latina, quando estes dependem de sua luz para o seu trabalho de expressão. Ela ilumina os movimentos das mãos, mas ao mesmo tempo torna os artistas súditos de seu magnetismo superior. O discurso crítico que fala das influências estabelece a estrela como único valor que conta. Encontrar a escada e contrair a dívida que pode minimizar a distância insuportável entre ele, mortal, e a imortal estrela: tal seria o papel do artista latino-americano, sua função na sociedade ocidental. [...] O lugar do projeto parasita fica ainda e sempre sujeito ao campo magnético aberto pela estrela principal e cujo movimento de expansão esmigalha a originalidade do outro projeto e lhe empresta *a priori* um significado paralelo e inferior. [...] (SANTIAGO, 2000, p. 18, grifos do autor).

A solução para esse impasse estaria na antropofagia, na deglutição dos modelos vindos da Europa e que se configuraria em um “ritual antropófago da literatura latino-americana” (SANTIAGO, 2000, p. 26) e que resultaria na diferença, que deverá ser considerada como valor crítico mais importante. Semelhante ponto de vista é defendido por Leyla Perrone-Moisés, ao afirmar que

[...] As literaturas americanas já nasceram em línguas que não lhes eram próprias, línguas que já tinha, uma tradição e uma literatura. E, como de fatos fomos colônias, nascemos devedores das fontes e condenados às influências. [...]

A Antropofagia oswaldiana nos permite [...] acabar com todo complexo de inferioridade por ter vindo depois [...]. [E possibilita] [...] assumir alegremente a escolha e a transformação do velho em novo, do alheio em próprio, do *déjà vu* em original. Por reconhecer que a originalidade nunca é mais do que uma questão de arranjo novo. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 99).

Pelo processo antropofágico, as literaturas americanas deixariam de lado o eterno complexo de inferioridade em relação a modelos oriundos do estrangeiro e assumiriam as infinitas possibilidades de transformação relacionadas a temas, formas e modelos vindos do exterior, assinalando e exibindo a diferença como uma forma de se avaliar as produções latino-americanas.

Em contraposição aos estudos de fontes e influências elaborados pelos comparatistas franceses, os intelectuais americanos propuseram uma outra forma de compreender a Literatura Comparada. Em uma forte crítica contra as teorias defendidas pelos europeus, René Wellek, um dos principais nomes da “escola”<sup>4</sup> americana, ao se pronunciar em uma conferência sobre Literatura Comparada<sup>5</sup>, propôs uma abordagem que não se limitasse ao estudo mecânico de fontes e influências. Pois, para ele, essa forma estabelecia somente o que um determinado autor conhecia sobre a obra do outro. E, somando-se a isso,

---

<sup>4</sup> O termo “escola” foi utilizado para identificar os grupos de estudiosos da França e dos Estados Unidos. Por esse motivo, encontram-se em vários textos, em língua portuguesa, os termos “escola francesa” e “escola americana” para denominar ambos.

<sup>5</sup> O artigo de René Wellek, “A Crise da Literatura Comparada”, originou-se de um pronunciamento feito no 2º Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC/IALC), em Chapei Hill, em 1958.

[...] além de privilegiar a análise do texto literário em detrimento das relações entre autores e obras, os comparativistas norte-americanos aceitam os estudos comparados dentro das fronteiras de uma única literatura, atuação recusada pela doutrina clássica francesa. (CARVALHAL, 2006, p. 15).

Sua crítica, ademais, destacou a ausência de um objeto de estudo e de uma metodologia específica da disciplina, o que, em sua opinião, resultava em estudos comparados fragmentados. Apesar de não estar colocado de maneira clara, ele discorria sobre um tipo de procedimento ideal que deveria ser seguido, por parte do comparatista, no decorrer de sua análise. Era fundamental uma leitura atenciosa e vasta do que se pretendia estudar, preferencialmente na língua original. Ademais, a clareza na forma de transmitir as ideias e hipóteses da pesquisa também eram relevantes para execução de um trabalho de qualidade, na opinião do referido crítico.

Outro ponto que importa destacar é a oposição de Welck quanto “à distinção entre literatura comparada e literatura geral, julgando-se insustentável e desnecessária” (CARVALHAL, 2006, p. 34). Para ele, a maneira como os textos literários estavam sendo analisados, até então, pelos teóricos franceses, limitava os estudos da Literatura Comparada e a estagnavam num patamar inferior, como uma “subdisciplina”. Esse balizamento acarretava um inevitável direcionamento dos estudos para a busca das fontes e das influências, traçando uma análise rasa que não tinha meios de se aprofundar e compreender a obra em seu todo. Esse uso do material externo como base de pesquisa se explica justamente por essa superficialidade que, por falta de opções comparativas, recorria ao mais do mesmo constantemente e questões que envolviam a literariedade, portanto, ficavam à margem das apreciações da disciplina.

O resultado de tal oposição aos pensamentos franceses foi uma nova prática comparatista levemente mais fluida que a antecessora. As possibilidades se ampliaram de forma, por exemplo, que dentro de uma mesma nacionalidade, produções pudessem ser confrontadas e analisadas comparativamente. As prováveis leituras feitas por seus autores já não eram relevantes e muito menos garantia de qualidade. As fontes e as influências, de elemento basilar para os estudos comparados, passaram a ser consideradas vilãs, pois identificaram-se nelas

pressupostos para uma hierarquização desnecessária e, até mesmo, preconceituosa, conforme já assinalamos.

Essas mudanças ressoam na contemporaneidade, quando a Literatura Comparada é apresentada com novas parcerias possíveis, que ampliam seu campo de atuação e permitem que descobertas inéditas se revelem. Outras expressões artísticas entram em cena nesse novo movimento de leitura do texto literário. Diante disso, a literatura passa a ser comparada com a música, a pintura, o cinema e com vários tipos de manifestações artísticas. Os limites passam a ser prerrogativa do comparatista. Assim posto, o bom senso precisa atuar como limítrofe, para que exageros não sejam cometidos e, de certa maneira, responsáveis por uma ideia de comparações negligentes e desordenadas, nas quais tudo é permitido. Portanto, se esse cuidado não for parte do trabalho do comparatista, é possível que os estudos e, por associação, a disciplina percam credibilidade.

Somadas aos novos espaços de comparação, as atuações da Literatura Comparada chegam, ainda, ao campo de conhecimento de outras disciplinas. A Psicologia, a Filosofia, a Sociologia por exemplo passam a ser disciplinas com as quais a Literatura Comparada pode – e deve – dialogar. A partir de agora uma personagem literária pode ser analisada a partir de seus traços psicológicos, por exemplo. Ou ainda, um poema pode ser lido e interpretado do ponto de vista da Filosofia. Basta, para isso, que o comparatista tenha o cuidado de estudar os objetos, aos quais pretende se debruçar em sua análise, de forma séria, conferindo a ambos uma igual importância, sem criar uma hierarquia entre eles. O que entra em cena, agora, é a interdisciplinaridade.

### **3. A interdisciplinaridade**

Os estudos voltados para se compreender a interdisciplinaridade ganharam força na segunda metade do século XX, a partir de nomes como Jean Piaget, Max Weber, John Dewey e Paulo Freire, por exemplo. A nova maneira de pensar, sobretudo a educação, passa a ter “como propósito a edificação de uma síntese conceitual ou acadêmica do fato” (FAZENDA, 1998, p. 48). E, além disso, a interdisciplinaridade

apresenta um caráter político ao confrontar pontos de vista diferentes, em busca de um resultado satisfatório.

Conceituar a interdisciplinaridade é, contudo, pisar em terrenos arenoso. Muitos estudos procuram atribuir uma definição, porém

[...] mais importante do que defini-la, porque o próprio ato de definir estabelece barreiras, é refletir sobre as atitudes que se constituem como interdisciplinares: atitude de humildade diante dos limites do saber próprio e do próprio saber, sem deixar que ela se torne um limite; a atitude de espera diante do já estabelecido para que a dúvida apareça e o novo germine; a atitude de deslumbramento ante a possibilidade de superar outros desafios; a atitude de respeito ao olhar o velho como novo, ao olhar o outro e reconhecê-lo, reconhecendo-se; a atitude de cooperação que conduz às parcerias, às trocas, aos encontros, mais das pessoas que das disciplinas, que propiciam as transformações, razão de ser da interdisciplinaridade. (FAZENDA, 2008, p. 73).

Compreende-se, então, que a interdisciplinaridade traz em sua gênese um altruísmo e uma necessidade de diálogo como forma de subsistência. Por trás de seu movimento, há uma busca por encontros que doem seus saberes em busca de um conhecimento mais amplo e que deve ser compartilhado. A humildade, portanto, de se dar ao outro para ser comparado e analisado faz parte desse ir e vir da prática interdisciplinar.

Porém, por se tratar de um campo de estudo bastante complexo de se conceituar, utilizaremos, neste trabalho, a definição – direcionada às escolas – que está posta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 8º Na observância da Interdisciplinaridade as escolas terão presente que:  
I - a Interdisciplinaridade, nas suas mais variadas formas, partirá do princípio de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de negação, de complementação, de ampliação, de iluminação de aspectos não distinguidos; (CEB/CNE, 1998).

Pensando a interdisciplinaridade a partir de um ponto de vista pedagógico, percebe-se que seu objetivo era tornar o ensino algo menos fragmentado, no qual as disciplinas pudessem ser compreendidas em uma totalidade, dialogando umas com as outras. Portanto, entende-se por interdisciplinaridade uma colaboração entre áreas diferentes do conhecimento para compreensão de determinado assunto de maneira

mais ampla, partindo de origens diversas e relacionando vários conceitos. A partir dessa ação colaborativa, novos conhecimentos são elaborados e a aprendizagem ganha um escopo integrador.

Assim posto, reforçamos a ideia da interdisciplinaridade como um diálogo entre diferentes áreas do saber, seja para concordar ou discordar. Ou, ainda, para elaboração de questionamentos cujo objetivo vise ampliar o conhecimento e dar-lhe um sentido unificado, de modo que as disciplinas não sejam assimiladas isoladas umas das outras. O próprio termo nos exige tal compreensão e de certa maneira, “todos reconhecem - e as definições que dão de interdisciplinaridade legitimam esse reconhecimento - a necessidade de uma interação” (FAZENDA, 1998, p. 46).

A partir desse entendimento, podemos estabelecer uma inevitável conexão entre interdisciplinaridade e Literatura Comparada. Compreende-se que esta passa a ter uma relação interdisciplinar com outras áreas do conhecimento humano, que, na prática, tem o texto literário como ponto de partida para diferentes percepções e interpretações. Essa comunicação abre portas para leituras e releituras, para identificação de diversidades e afinidades, para compreensão e análise de diferentes comportamentos. Em uma sociedade plural, na qual todas as vozes querem e devem ser ouvidas e respeitadas, a interdisciplinaridade chega como parte essencial dos estudos comparados.

#### **4. Um diálogo inevitável**

A história da Literatura Comparada é tomada por inúmeros debates prós e contra sua postura independente, sua finalidade e seus objetivos. As discussões variavam desde a busca de uma definição para o seu nome até a instituição do seu objeto de estudo. Intelectuais buscavam compreender o fenômeno e moldar-lhe um perfil que fosse, não só aceitável, como praticável. Contudo, esses embates teórico-práticos não se limitam a um passado distante, eles também acontecem na contemporaneidade.

No Brasil, ocorreu, por volta da década de 1950, a institucionalização da Literatura Comparada em algumas universidades. As pesquisas das áreas das

ciências humanas ganharam um novo perfil com a chegada de outras disciplinas e isso gerou intensos debates. Um dos temas que permeavam esses calorosos diálogos foi a inserção da interdisciplinaridade como parte fundamental no campo dos estudos de Literatura Comparada. Com essa inclusão, os textos literários passaram a ser analisados a partir de diferentes pontos de vista, passando a abordar, inclusive, temas atuais. Consideravam-se não somente a sua historicidade, mas as diferentes manifestações da criatividade e do conhecimento humanos. O exercício para compreender esse vasto material passou a se originar de lugares diversos, sob holofotes variados, que iam além da teoria trancafiada e praticada exclusivamente no universo acadêmico dos estudos literários, e chegavam ao encontro do que era consumido e, de certa maneira, produzido pela massa.

A interdisciplinaridade trouxe para a literatura comparada novos ares, ampliando o que antes parecia ser finito. As novas possibilidades de diálogo revigoraram o empoeirado estudo, que voltado para uma historicidade, esbarrava nos muros das universidades. Essa novidade não passou incólume, reações foram manifestadas e temeu-se uma “interdisciplinaridade desenfreada”. As ações que moveram alguns intelectuais brasileiros contra a proximidade de outras áreas dos saberes humanos com a literatura, a partir dos estudos comparados, ostentaram, de certa maneira, uma posição elitista e preconceituosa. Isso porque, no intuito de defender o lugar da literatura e blindá-la contra investidas externas, eles, de fato, defenderam a manutenção de um modelo solidificado. Assim, “[...] os seus representantes manifestam-se inconformados não apenas com a “perigosa” diluição do objeto de análise, mas também com a presumida ausência de rigor teórico e sistematização metodológica” (SOUZA, 2014, p. 64-65).

Sob o pressuposto de evitar uma diluição do objeto a ser analisado, no caso, o texto artístico, indiretamente eles defenderam a manutenção do material que recebe a etiqueta de literário e daquele que pertence ao cânone previamente estabelecido, o qual é composto, em grande parte, por homens brancos e ocidentais. Sendo assim, “[...] o cânone se legitima, tornando-se moeda corrente da troca literária, meio eficaz para os futuros leitores identificarem autores, criarem linhagens ou sintetizarem superficialmente um momento literário específico” (SOUZA, 2014, p. 84).

Essa discussão sobre o objeto literário, contudo, não começou por aqui. O tema já fazia parte das preocupações dos estudiosos americanos. São questionamentos que “[...] encontra[m] seu terreno fértil nas universidades norte-americanas, muitas das quais aderiram ao *cultural studies*, mesclando-os com os programas de literatura comparada, de modo que esta disciplina passou a ter novas fronteiras nebulosas” (NITRINI, 2021, p. 119).

Os estudos culturais, portanto, chegam ao universo da Literatura Comparada intensificando ainda mais a relação interdisciplinar. O receio era que uma essa novidade colocasse em xeque um rigor teórico nas análises propostas. Percebe-se, então, que

a predominância do cultural frente ao literário constitui, para muitos, uma ameaça à crítica literária, abalada pela ausência de perfil e indefinição de fronteiras. No entender de muitos pesquisadores, a avalanche teórica suplanta a ênfase na literatura, ficando o debate universitário entregue a questões filosóficas, históricas e antropológicas, em prejuízo para a discussão do literário. (SOUZA, 2014, p. 18-19).

A partir dessa suposta proteção – como se a literatura precisasse disso – há uma incoerente reação desses estudiosos, pois em posicionamentos anteriores, muitos deles usaram seu espaço de fala para criticar a manutenção de um cânone cristalizado e historicizado. Porém, quando se trata da aceitação dos estudos culturais como diálogo possível no campo da Literatura Comparada, trazendo consigo a interdisciplinaridade, a novidade não é vista com bons olhos e as críticas são as mais severas.

Além do risco de embaçar o objeto de estudo – o texto literário – outra explicação para a fervorosa reação circunda questões de metodologia. Sem oferecer um suporte que solucione a questão, os teóricos se contentam em apontar os problemas. Usando termos como “vale-tudo”<sup>6</sup> ou “instalação de um armazém de secos e molhados”<sup>7</sup>, por exemplo, esboçam um receio de que tais estudos não sejam sérios.

---

<sup>6</sup> O termo “vale-tudo” para tratar as questões dos estudos de literatura comparada, citado no texto da professora Eneida Maria de Souza, foi usado originalmente por Luiz Costa Lima, no livro *O Comparativismo Hoje*.

<sup>7</sup> “Instalação de um armazém de secos e molhados” para tratar sobre os estudos de literatura comparada, foi uma referência usada por Heidrun Olinto no livro *Interesses e Paixões: histórias de literatura* e está citado no texto *Teoria em Crise*, da professora Eneida Maria de Souza.

E não tendo seriedade, abarcariam toda e qualquer temática sem uma prévia seleção que garantisse a posição privilegiada da literatura e a qualidade das análises. Esses críticos agem como “defensores do lugar intocável ocupado pela literatura, no seu estatuto autônomo e singular” (SOUZA, 2021, p. 100).

A pressuposta ameaça da nova abordagem permitida pela Literatura Comparada também se dava, de acordo com os intelectuais que a temiam, em relação aos precursores dos estudos de literatura. O receio era que essa nova forma de abordar o texto literário tivesse como consequência um possível esquecimento deles e de suas contribuições para a área, até então. Dessa maneira, os novos estudos poderiam ser responsáveis por uma desvalorização de teóricos que faziam parte de uma tradição já estabelecida e sobre a qual o conhecimento literário acumulado até ali estava ancorado. Essa preocupação não se justifica, entretanto, visto que a dinâmica da disciplina, especialmente na contemporaneidade, é muito mais de aproximar conhecimentos, de tal maneira que o que já foi pesquisado tem seu valor. Em algum momento, na prática comparatista, o material já produzido fatalmente será acessado, seja para concordar ou discordar dele. Isso, contudo, não invalida sua relevância. O movimento integrador que a Literatura Comparada, pós fontes e influências, naturalmente propõe, inviabiliza qualquer possível apagamento de material anterior, cujos resultados podem ser acessados em prol do enriquecimento das pesquisas.

Outra preocupação que perturbava os críticos brasileiros, quanto ao diálogo dos estudos literários com outras disciplinas, era uma possível pulverização da literatura. O temor era que ao deixar de ser o centro do estudo, o material literário fosse de certa maneira apagado. O que não se confirma, já que os estudos que já foram e ainda são publicados mostram que a Literatura Comparada está atravessando fronteiras e favorecendo as trocas culturais. As pesquisas se mostram, assim, enriquecedoras para ambos os polos comparados, pois não diluíram o objeto literário e não diminuíram sua relevância. Ao contrário, colocaram áreas distintas em diálogo, abriram possibilidades interpretativas e patrocinaram releituras. A interdisciplinaridade, portanto, permitiu que saberes anteriormente trancafiados em

espaços acadêmicos restritos pudessem contribuir uns com os outros de forma que a compreensão das questões da humanidade fosse mais ampla e democrática.

Ao contrário das expectativas que viam nessas novas maneiras de manusear o material literário algo perigoso, o que se vê de fato é o aumento dos estudos comparados. E,

[...] vemos uma razão muito simples para essa real popularidade: a literatura comparada não é uma técnica aplicada a um domínio restrito e preciso. Ampla e variada, reflete um estado de espírito feito de curiosidade, de gosto pela síntese, de abertura a todo fenômeno literário, quaisquer que sejam seu tempo e seu lugar. (BRUNEL et al., 1990, p. 16).

Em seu lugar, tão questionado e debatido ao longo dos anos, a Literatura Comparada intensificou suas intervenções nos estudos literários de maneira a enriquecê-los. Os novos diálogos possíveis, as novas formas de abordar o material literário, seja ele inédito ou não, os contrastes e as similaridades que podem ser identificadas oferecem um vasto campo de estudo cujos frutos ainda estão e sempre estarão sendo colhidos, pois a complexidade humana aliada à sua criatividade sempre produzirá um rico material para investigação acadêmica.

## 5. Considerações finais

Toda mudança, normalmente, traz consigo um temor. O novo pode gerar desconforto e, como uma consequência quase que inevitável, diferentes ações e reações. Os estudos dos textos de literatura se originam em um passado muito distante. Por um longo período, considerou-se como literário o texto que tinha uma determinada característica e que pertencia a um grupo específico de autores. Por mais que, de tempos em tempos, essas características sofressem alguma alteração e se elevassem novos nomes, os estudos de literatura ocidental tinham, em seu cerne, traços similares. Era, portanto, um terreno sólido que, aparentemente, não corria risco de sofrer severas mudanças. Essa consistência sofreu uma espécie de abalo sísmico com a aproximação da interdisciplinaridade, nos estudos comparados.

Intelectuais, cujas ideias seguiam uma corrente tradicional, fixa e supervalorizada, temeram esse novo. Essa aflição era justificada porque trazia a necessidade de um afastamento de uma zona de conforto na qual há muito se residia. A partir desse momento, novos saberes passaram a ser considerados como parte importante dos estudos literários. Os diálogos com outras disciplinas, que inicialmente geraram inquietação, ganharam um papel relevante. Essa amplitude não só permitiu interpretações a partir de leitura inéditas, como releituras de obras que pareciam esgotadas em suas interpretações, mas que se renovaram com essa nova possibilidade de abordagem.

Muito ainda há para se debater a respeito dos possíveis diálogos que a interdisciplinaridade permite aos estudos da literatura. Não se trata de tarefa simples prever para onde esse contato pode nos levar. Em suma, “[c]omo astronáutica ou a física nuclear, porém mais intimamente ainda, a literatura comparada tem sua sorte ligada às paixões dos homens. É por isso que ninguém pode dizer de que será feito amanhã” (BRUNEL et al, 1990, p. 17).

Logo, respondendo uma das questões apontadas inicialmente, entendemos ser muito dificultoso tentar prever os caminhos que a Literatura Comparada vai percorrer. Principalmente porque eles são fruto de uma relação intensa com assuntos pertinentes à humanidade. Esses temas normalmente se apresentam recheados de emoções e essas, por sua vez, geram protesto de todos os tipos. Essas emoções, apesar de intensas, são altamente mutáveis e dão ao trabalho comparatista uma mobilidade que não nos permite traçar um caminho futuro. Nessa perspectiva, “Que progresso é possível esperar, em seguida? Ninguém é profeta, mesmo fora de seu país. Sob uma forma ou outra, este movimento perpétuo de sístole-diástole continuará, princípio elementar de toda a vida literária” (BRUNEL, 1990, p. 17).

Essa incerteza no porvir é ao mesmo tempo angustiante e estimulante. Angustiante porque temos consciência de estar caminhando numa estrada enevoadada, na qual, a próxima curva pode trazer uma novidade. A novidade vindoura pode ser boa ou não, isso está fora de nosso controle. E pode ser também algo estimulante, quando percebemos que as possibilidades de interações são praticamente infinitas, que sempre haverá um assunto que ainda não foi abordado e merece uma atenção

especial dos pesquisadores, uma leitura que não foi feita e instigará novas pesquisas, e, claro, uma interpretação que sempre poderá nos surpreender e nos encantar. Dessa maneira, a riqueza de oportunidades que a interdisciplinaridade, aliada aos estudos de Literatura Comparada, pode nos proporcionar, areja a disciplina e os futuros trabalhos e, ademais, nos motiva à busca de novos temas de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Câmara de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. **Resolução Ceb Nº 3, de 26 de junho de 1998**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, 1998. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03\\_98.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_98.pdf). Acesso em: 8 jun. 2023.

BRUNEL, P.; PICHOS, CL.; ROUSSEAU, A.M. **Que é Literatura Comparada**. Tradução: Célia Berrettine. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1990.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHAL, Tânia Franco; COUTINHO, Eduardo F. (org.). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FAZENDA, Ivani (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani C. A. (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

MARQUES, Reinaldo. Arquivos Literários e Reinvenção da Literatura Comparada. *In*: MARINHO, Ana Cristina (org.). **Memórias da Borborema 5: Arquivos literários e escrita de si**. Campina Grande: Abralic, 2014. p. 15-34. Disponível em: <https://www.abralic.org.br/downloads/livros-produzidos-pela-gestao/05-MEMORIAS-DA-BORBOREMA.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2021.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A crítica de fontes. *In*: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Falência da crítica**. Um caso limítrofe: Lautréamont. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 77-85.



<https://www.faccrei.edu.br/revista>

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. *In*: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivantina**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 91-99.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In*: SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. E-book Kindle.

SOUZA, Eneida Maria de. **Narrativas Impuras**. Recife: Cepe Editora, 2021. E-book Kindle.

Recebido em: 18/09/2023.

Aprovado em: 22/12/2023.